

O COELHINHO PITOMBA

(peça infantil de MILTON LUIZ)

Humberto
Prazo até
12/12/29

Cenário — Três entradas para a coxia. uma com detalhes da casa do coelho, à esquerda. Outra com detalhes da casa da onça, à direita. Ao centro, no fundo, fuga para o interior da floresta. No meio do palco, uma es-

pécie de praça na floresta, vendo-se em primeiro plano, a boca de um poço, com telhadinho, roldana com lata para apanhar água, cordinha, etc. algumas árvores, plantas rasteiras.

PRÓLOGO

Ouve-se música de roda, em gravação, ou cantada ao vivo pelos atores, fora de cena. Para de repente. Entram, o coelho, vindo de sua casa, o papagaio e o urso que surgem da fuga que dá para o interior da floresta. Cantam e dançam, fazendo ritmo com palmas. A música é à vontade do diretor.

COELHO — Eu gosto de couve
- De mim ninguém zomba -
Você que me ouve,
Me diga depressa:
Qual é o meu nome?

SO OUTROS — Coelhoinho Pitomba?

COELHO — Como é que eu me chamo?

OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!

COELHO — Sou muito esperto,
Da onça eu fujo,
Quando ela aparece,
Não fico por perto.
Qual é o meu nome?

OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!

COELHO — Como é que eu me chamo?

OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!

COELHO — Os dois amiguinhos,
Que trago comigo,
Se a onça aproxima,

COELHO — Me dizem depressa:

URSO — Coelhoinho, sai dessa!

PAPAGAIO — Lá vem o perigo!

COELHO — Qual é o meu nome?

OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!

COELHO — Como é que eu me chamo?

OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!

COELHO — (A platéia, cumprimentando)
— alô, criançada! Como é
mesmo o meu nome? (Espera
resposta) (Urso começa a
a chupar um imenso pirulito
colorido e o Papagaio descasca
uma banana) Pois é, o
meu nome é Coelhoinho Pi-
tomba. Muito prazer em co-
nhecer vocês todos. Sabem de
uma coisa? Eu nasci aqui

nesta pracinha da floresta. Aqui eu almoço, janto, vou à escola, porque eu sou muito estudioso também, brinco com dois amiguinhos que eu tenho e... (reflete) Puxa vida! Vocês viram como eu sou avoado?. Cantei, dancei, pulei, disse um montão de vês o meu nome, falei nos meus dois amiguinhos e me esqueci de apresentá-los à vocês. Me desculpem, está bem? Então, vamos começar. (indica o Urso) Este gordão muito guloso que está chupando um pirulito, é o meu bom amigo o Urso Ricardão.

URSO — (cantando e dançando)
Sou gordinho e durmo demais,
Mas, no fundo, sou um bom rapaz! (bis)

COELHO — (Indica o Papagaio) — E este, é o bom Otavinho, o amiguinho do papagaio.

PAPAGAIO — (idem) — Gosto de cantar e de falar também, não troco o meu puleiro, nem por um vintém! (bis)

COELHO — (à platéia) — Vocês gostaram dos meus amiguinhos?! Muito bem, agora nós vamos vamos brincar de roda com todos vocês, que tal? Vamos cantar "Atirei o pau no gato", está bem? (começam a cantar em volta do poço) (Quando vão repetir a música, a Onça urra ao fundo, de dentro da sua casa) (Pânico)

COELHO — Vocês ouviram esse urro?!... Cruzes! E a dona onça Matilda! (outro urro) Ela hoje está mais furiosa do que nun-



ca, tenho que fugir! (outro urro) Até logo, meus amiguinhos! (sai correndo e entra em casa. Urso e Papagaio ficam em cena e se esgueiram num canto do palco).

ONÇA (Sai de sua casa. Entra pulando e cantando) (furiosa) — Quem viu? Quem viu? Quem viu? Um coelhinho que é uma bomba! (bis) Um coelhinho chamado Pitomba?!

URSO — Pitomba?

PAPAGAIO — Coelhinho?

ONÇA (urra) — Quem viu?

OS DOIS (com medo) — Pitomba... Coelhinho...?...

ONÇA (urra) — Sim, quem viu?

OS DOIS (saindo) — Nós não... vimos!... (saem correndo) (Só. Enérgica) — Não importa! Eu hei de encontrar o levado! E quando isso acontecer... (Mímica) ... nhêco!... Ah, que delícia! Vou transformá-lo em guisado! (Parte em direção à sua casa) (Pano Rápido ou Escuro)

FIM DO PRÓLOGO

PRIMEIRO ATO

(Abre-se o pano. A cena fica vazia por uns segundos. Aparece o urso, pé ante pé, examina tudo como quem procura algo. Um tempo. Chama o papagaio)

URSO — Otavinho! Otavinho, pode vir, a dona onça já foi embora!

PAPAGAIO (de dentro) — Tem certeza, Ricardão? Procura mais um pouquinho, tá? Depois eu vou.

URSO (grita para dentro) — Está bem. eu vou procurar mais. (procura atrás do poço) Atraz do poço não está! (Olha cômicamente dentro da latinha. Bate várias vezes no fundo da mesma) Dentro da lata também não está! (gritando) Pode vir, Otavinho, ela foi embora sim.

PAPAGAIO (Entra olhando em redor) — Ué, cadê o Pitomba?

URSO — Sei lá. Ele saiu na disparada assim que a dona onça chegou. Você sabe, o maior sonho da dona onça é fazer um guisado do Pitomba!

PAPAGAIO — Pois é, você não acha isso uma bobagem?

URSO — Eu acho. Mas você sabe como ela é teimosa.

PAPAGAIO — Agora, uma coisa eu também sei: o coelhinho é muito mais esperto do que ela.

URSO — É por isso que a dona onça fica cada dia mais furiosa.

PAPAGAIO — Ainda bem que ela nunca cismou de fazer guisado da gente...

URSO — A implicância dela é com o Pitomba.

PAPAGAIO — Deve ser porque ela não

consegue pegá-lo nunca.

URSO — É, você tem razão. A dona onça pensa que é inteligente, mas o coelhinho é muito mais.

PAPAGAIO — Se é! (riem às gargalhadas) Ricardão, que tal a gente dar uma corrida até o outro lado da floresta?...

URSO — Ótimo! Estou louco para fazer exercício! (faz movimentos exagerados à guisa de ginástica, cantando: Um, dois, etc.)

PAPAGAIO — Ah, eu também quero brincar! Vamos pular carniça?

URSO — Ótimo! Vamos, sim, Abaixar aí. (o papagaio se abaixa. O urso toma distância e faz a primeira tentativa pra pular o papagaio. Não consegue. Faz a segunda. Idem. Na terceira, os dois se esborracham no chão. exaustos).

URSO — Puxa, como estou cansado! É melhor a gente dar um passeio pela floresta.

PAPAGAIO — Vamos convidar o Pitomba?

URSO — Vamos, sim. Vou bater na porta dele. (chamando e batendo palmas) Coelhinho Pitomba! (silêncio) Coelhinho Pitomba! (silêncio) Acho que ele não está!

PAPAGAIO (Tomando a frente) — Está sim. Duvido que ele saia de casa sem a gente. (vai chamar) Coelhinho Pitomba? Coelhinho Pitomba?... (pausa) Será que não está mesmo?!... (os dois ficam distraídos)

COELHO (Pula em cena, saindo de casa, gritando ao mesmo tempo) — Quem é que está me chamando?! (os dois se assustam).

OS OUTROS (Voltam-se. depois do susto) — Nós, você não ouviu?

PAPAGAIO — Por que não respondeu?



COELHO (*Tomando cena*) — Vocês pensam que eu sou bôbo, é? Se a dona onça estivesse por perto, ouvisse a minha voz e soubesse que eu estava em casa, pronto! adeus sossêgo! Ela ia ficar me vigiando o tempo todo!

URSO — Ela foi embora. Não tem perigo!

PAPAGAIO — Coelhinho, quer passear com a gente? Vamos dar uma corrida até o outro lado da floresta!...

COELHO — E se a dona onça aparecer? Lá longe, no meio da floresta, é mais difícil eu fugir dela. Não vou, não.

URSO — Puxa vida, Pitomba, você nem parece nosso amigo. Nós não dissemos que ela foi embora?!

PAPAGAIO — Foi, sim. Olha aqui, eu juro! (*gesto de juramento*).

URSO — Eu também juro. (*gesto igual*).

COELHO — Está bem, eu vou com vocês. Mas se ela aparecer, eu flico de mal por toda a vida.

OS OUTROS — Certo. Então vamos.

COELHO — Esperem um pouquinho. Vou aproveitar e encher o meu baldinho no poço da dona onça. Assim, se ela aparecer de repente, eu tenho bastante água guardada. Vou buscar o baldinho. (*sai*).

PAPAGAIO (*Gritando prá dentro*) — Não demore, sim, Pitomba?

URSO — Queremos passear bastante.

COELHO (*De dentro*) — Eu volto logo. Esperem um pouquinho!

PAPAGAIO (*À sós com o urso*) — Ricardão, quem sabe, um dia, a gente podia fazer uma coisa muito boa?

URSO — Que coisa muito boa? (*pensa*) Ah, já sei. Comprar um montão de doces e comer todo!

PAPAGAIO — Não!

URSO — Ou então, 50 litros de mel bem docinho. Eu adoro mel! (*mastiga em seco*).

PAPAGAIO — Não é nada disso, seu guloso! (*pausado e explicado*) Quem sabe se a gente podia fazer a dona onça e o coelhinho ficarem bons amigos?!

URSO — Ah, duvido muito. Você sabe que... (*interrompendo ao ouvir o urro da onça dentro de casa*) (*os dois se colocam de costas em frente à casa do coelho, tentando avisá-lo, com mímicas exageradas, da possível aparição da onça*) Ao mesmo tempo, o coelho e a onça aparecem em suas respectivas portas, os dois continuam o jogo de mímica. A onça não vê o coelho nem é a ela. O coelho, no entanto, é visto pela platéia).

COELHO (*Entra rápido na casa*) — Ah, esqueci o balde! (*desaparece*).

ONÇA — (*Que ficou em cena espantada,*

sem entender as gesticulações do urso e do papagaio) — Ah, vocês estão aí? (*reparando mais*) Mais o que é isso? Nunca vi coisa mais estranha! Vocês enloqueceram?!...

URSO (*Gesticulando e tentando disfarçar*) — Não é nada, dona oncinha. É que eu e o Otavinho estamos brincando de surdo-mudo!... (*exagera mais nos gestos*).

ONÇA — Surdo-mudo? Então como é que você está falando?

URSO (*Gaguejando*) — É que... é que... eu... eu... sou... sou o surdo. O Otavinho é que é o mudo... não é, Otavinho?

PAPAGAIO (*Resmungando, imitando murmurar*) — Hum! hum! hum!

URSO (*Rápido*) — Viu? Viu?

ONÇA — Pois sim, vocês não me enganaram. Tenho certeza de que estão me escondendo alguma coisa. Ah, mas eu vou descobrir. Vou sim. (*saida falsa*)

COELHO (*Sem ver a onça, nem os sinais dos dois, aparece na porta e grita*) — Pessoal!!! (*dá com a onça que ainda não acabou de sair, esconde-se atrás do papagaio*).

ONÇA (*Volta-se furiosa aos dois, estranhando aquele grito*) — Quem gritou? Eu ouvi alguém gritar!

URSO (*Tremendo de medo*) — A senhora está cismada, dona oncinha. Ninguém gritou.

ONÇA — Eu ouvi muito bem alguém gritar assim: "pessoal"!

URSO — A senhora ouviu mesmo?

ONÇA — Claro. E não vou embora enquanto não descobrir quem gritou.

URSO (*Como quem teve uma idéia*) — Ah, dona oncinha, já sei quem gritou!

ONÇA Quem foi?

URSO (*Depressa*) — O papagaio, o papagaio. Foi ele quem gritou! (*reações do papagaio*).

ONÇA — Foi, é? Muito bem. Então eu quero ouvir ele gritar de novo.

URSO — Mas dona onça... (*à platéia*) Ih! E agora, como é que vai ser?!...

ONÇA — Ande, vamos, seu urso espertinho, estou esperando!

URSO — Está esperando, é? Está bem. (*medroso*) Otavinho, grita "pessoal" de novo prá dona onça ouvir!...

PAPAGAIO (*Resmungando nervoso, sem saber o que fazer*) — Hum! Hum!...

ONÇA (*Furiosa*) — Já estou perdendo a paciência!

PAPAGAIO (*Respira fundo, resmungando alto como quem vai falar*)

COELHO (*Atrás do papagaio, grita ao mesmo tempo*) — Pessoal!...

URSO (*Feliz*) — Está vendo como foi ele quem gritou?!... (*Papagaio abre os braços*



e balança o corpo procurando esconder mais o coelho)

ONÇA (Que esteve o tempo todo olhando o papagaio) — Vocês pensam que me enganaram, é?

URSO — Mas quem está querendo enganar a senhora?

ONÇA (Premeditada) — Foi ele quem gritou, não foi?

URSO — Foi. A senhora mesma ouviu.

ONÇA — Ah, que gracinhas!... Muito bem. Então, se foi mesmo o papagaio quem gritou, como é que ele não mexeu com a bôca?

URSO (Pensa rápido) — E porque ele é mudo!

ONÇA — Mudo? Então como é que eu ouvi a voz dele?

URSO (Pensa rápido) — É porque é mudo ventriloquo!

ONÇA — Ventriloquo?... O que é isso?...

URSO — Ventriloquo é uma pessoa que fala pelo peito com a bôca fechada.

ONÇA — Ah é? (repara) E por que é que ele está com os braços abertos?

URSO — É porque nós estamos brincando de surdo-mudo e ele é um mudo que pensa que é um passarinho!

ONÇA — Eu, hein?!... Que brincadeira mais bôba! Vou embora!

URSO — Adeusinho, dona onça! (onça sai) Pode se mexer, Pitomba, ela já foi embora! (Papagaio e coelho se movimentam).

COELHO — Meninos, que susto! Que onça mais teimosa, não queria acreditar em vocês, não foi mesmo?

PAPAGAIO — Você nos deu um trabalhão!

COELHO É, mas o susto que eu levei não foi pequeno. Bem, deixem eu encher o meu baldinho!

PAPAGAIO — Depressa, coelhinho!

ONÇA (Voz de dentro) — Vocês me enganaram, seus moleques! (pânico. O coelho, sem saber o que fazer, mete o balde na cabeça e se agacha atrás do poço, protegido pelo urso que tapa a visão da onça) (entra a onça).

URSO (Ao vê-la, fingindo) — Olá, dona oncinha!...

PAPAGAIO (Idem) — Há quanto tempo!...

URSO — Já estávamos morrendo de saudades!...

ONÇA (Estranhando) — Eu vi vocês dois conversando com mais alguém!

URSO — Nós? Não é possível! Pode ver se tem mais alguém aqui!

ONÇA — Vou ver mesmo! (começa a procurar em volta do poço, enquanto o papagaio e o urso acompanham os seus movimen-

tos e o urso sempre tendo o coelho sob sua proteção. Quando estão voltando à posição inicial, o balde cai na frente do poço. Coelho continua escondido) É, não tem mais ninguém mesmo! (Vê o balde caído) Achei!!!

URSO E PAPAGAIO (Sem perceber que ela se refere ao balde) — Nossa!!!

ONÇA — Vocês, hein?!

URSO E PAPAGAIO — Nós, o que?!

ONÇA — Espertinhos! Sabiam que o meu balde estava aqui e não me disseram nada!

URSO E PAPAGAIO (Alívio — Ah.....

ONÇA (Parte em direção ao balde) — Vou correndo guardar o pobrezinho!

URSO (Temendo que ela veja o coelho, corta) — Não, não dona onça. A senhora está enganada! Esse balde é meu!

PAPAGAIO — É, sim, dona onça, eu sou testemunha!

ONÇA — Então, onde é que está o meu? Já o procurei por tôda parte.

URSO — Vai ver, a senhora o esqueceu na floresta. (os dois fazem marcas em volta da onça tentando impedir que ela se aproxime do balde, que caiu perto do coelho).

PAPAGAIO — Ah! Agora me lembro!... Ontem, a senhora foi com ele na casa da dona girafa!

ONÇA — Mas esse aí é igualzinho ao meu. Eu conheço pela alça Vou ver. (parte)

URSO (Cortando) — Dona onça! (ela pára) Que côr é a alça do seu?

ONÇA (Diz uma côr que não seja a do baldinho que está no chão) (anda mais em direção ao balde).

URSO — A dêsse aí é... (diz a côr verdadeira) (ela pára).

ONÇA (Empurrando o urso) — Deixa eu ver, sáia da frente! (pega o balde rápido e conclui) É, a alça dêste é de outra côr! (entrega o balde ao urso que o recoloca no chão) (onça toma cena, de costas para os dois, falando distraída) Mas que coisa gozada, é tão parecido! (aos dois, sem os olhar) De quem é mesmo êsse balde?

COELHO (Grita de trás do poço) (disfarça a voz) — Meu!

ONÇA (Volta-se furiosa) — Quem falou?

OS DOIS — Ninguém, dona onça!

ONÇA — Vocês estão zombando de mim? Quem falou?

URSO — Mas quem está zombando da senhora? Ninguém falou.

ONÇA — Bem, por esta vez passa. (Vai saindo pela platéia).

COELHO (Põe a cabeça acima do poço e grita com voz disfarçada) — Dona onça malhada! (esconde de novo) (os dois fazem "psiu")



ONÇA (*Volta furiosa*) (aos dois) — Quem me chamou de onça malhada? Eu detesto apelidos!

URSO (*Riso amarelo*) — E a senhora não é uma onça malhada?!

ONÇA — Não senhor, seu bólo-fôfo! (*dá-lhe uma palmada na barriga*) Eu sou uma onça pintada! Há muita diferença!... (*desfila vaidosa*)

URSO E PAPAGAIO (*Aproveitam que ela conversou e gritam batendo palmas*) — Muito bem! Já ganhou! Rainha da Floresta!

ONÇA (*Grita furiosa*) — Não disfarcem, não! Eu quero saber quem me chamou de onça malhada?!

URSO — Ninguém, dona onça. Puxa, como a senhora é desconfiada!

PAPAGAIO — É sim, dona onça, e eu acho que a senhora está ficando maluca!

ONÇA — O que, seu atrevido?!... (*Corre atrás do papagaio, em círculos. O urso por sua vez, corre atrás da onça gritando "perdôa êle, dona onça" — falas livres. Tudo em volta do poço. O coelho, para não ficar à descoberto, corre atrás do urso, meio agachado. Quando completam a primeira volta em torno do poço, o coelho consegue dar uma palmada na onça. Ela pensa que foi o urso. Se volta e muda a direção da corrida. Desta vez o coelho se agarra nas costas do urso e é obrigado a correr de costas. Em dado momento, o papagaio e o urso descem para a platéia. O coelho consegue se escond*

der de nóvo atrás do poço. A onça prefere descer também, agora perseguindo sempre o urso. O coelho, ao se ver sôzinho sai do esconderijo e fica torcendo do meio do palco. Grita pelo urso e pelo papagaio para que voltem. Coelho ajuda papagaio a subir. Urso não consegue subir e cai. A onça sempre perseguindo os dois. Forma-se a maior confusão no palco. Por força da "marca", há um momento em que o coelho e a onça se encontram cara à cara).

ONÇA (*Ao deparar com o coelho, dramática*) — Coelhozinho Pitomba!!!

COELHO (*Idem*) — Dona onça Matilda! (*onça avança. O coelho dribla onça em volta do poço. Fazem êsse jôgo enquanto funcionar. De repente, o coelho tropeça e a onça finalmente consegue agarrá-lo*)

ONÇA — Peguei!!! (*canta enquanto amarra o coelho no poço*)

O coelhinho é esperto —

Mas eu sou muito mais. (*bis*)

Samba, samba, samba, coelhinho

Na panela da Matildinha!... (*bis*) música de samba lêlê) (*apanha rápido um caderninho com lápis*) Bem, vejamos agora uma receita de guisado de coelho! (*anotando*) Um caldeirão bem cheio de água fervendo...

COELHO — Água fervendo não, dona onça. Água morna é melhor! (*urso e papagaio estão planejando alguma coisa. Marcas*).

ONÇA — Não me interrompa!



Cena de O
COELHINHO
PITOMBA, de Milton
Luiz, vendo-se Walney
Vianna, Antonio
Miranda, Cordelia
Santos e o próprio
autor.



COELHO — Então põe água gelada! Assim, eu bebo a água!

ONÇA (Continua) — Cinco latinhas de pimenta do reino...

COELHO — Pimenta não, dona onça, me dá alergia...

ONÇA — E daí?

COELHO — Eu vou ficar espirrando dentro da panela!

ONÇA — Eu tampo a panela!

COELHO — Eu viro "pipoca"!

ONÇA — Cale-se! (continua) Cinco latinhas de pimenta do reino...

COELHO (Espirra forte) — Atchim!!!

URSO E PAPAGAIO — Saúde!

COELHO — Obrigado!

ONÇA (Conclusiva) — ... três compridos contra espirro! (continua) Sete colheres de sal grosso...

COELHO — Sal grosso? Por que a senhora não põe açúcar? Eu gosto mais de açúcar!

ONÇA (Distraída) — Ah, é! Eu também gosto mais de açúcar!... (tom) (caiem si) Não me confunda, açúcar é para sobremesa!

(continua) Duas xicaras de vinagre, alho, pimentão, tomate, salsa... (pensa) Acho que é só!

URSO (Que já chegou a um acôrdo com o papagaio) — Dona onça, a senhora esqueceu a cebola!

ONÇA (Vai ao urso que está longe do local onde está o coelho) — Ah, é mesmo! Quatro cebolas grandes... em rodela ou picadinhas?... (enquanto isso, o papagaio vai de mansinho e desamarra o coelho e volta para o seu lugar)

URSO (Continuando) — Azeitonas... (Olha prá ver se o coelho já fugiu).

ONÇA (Anota) — Quatro latas de azeitonas...

URSO (Vê que o coelho já foi desamarado) — Agora já está bom, dona onça!

ONÇA — Ótimo! Vamos ao guisado! (vira-se).

COELHO (À porta de sua casa) — Dona onça Matilda, uh! uh! (foge).

ONÇA (Parte na direção do coelho, mas o urso e o papagaio lhe barram o caminho.. Onça sai furiosa para sua casa).

PANO RÁPIDO

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Mesmo cenário. Abre-se o pano. O papagaio está em cena, dormindo ao lado do poço. Ronca alto e se mexe como quem está tendo um pesadelo.

URSO (Entra tristonho e cabisbuixo. Vê o papagaio) — Otavinho! Otavinho, acorde Otavinho!

PAPAGAIO (Fala dormindo) — Não, não, meu lóbo, a corda, não!

URSO (Sacode o papagaio) — Acorde, Otavinho! Acorde!

PAPAGAIO (Sobressaltado) — Ai, que susto! Que pesadelo horrível!

URSO — Você já pensou, Otavinho?!... Ninguém vai resistir!... Três meses é muito tempo.

PAPAGAIO — É sim. O Coelhoinho Pitomba nem ligou! Disse que sabia como resolver o problema! É o que ele pensa!

ONÇA (Aparece feliz, cantarolando. Traz dois pedaços de táboas, martelinho, pregos, veste um avental com bolsos) (finge que não vê os dois) (cantarola) Oh, que dia tão feliz! Trá-lá-lá-lá-lá-lá! Trá-lá-lá-lá-lá!... etc. (aos dois, como se os visse agora) Olá, queridinhos, que lindo dia, não é? (canta baixo).

URSO — É, mas isso agora não importa. Estamos muito preocupados.

ONÇA — Preocupados com o quê, meus amorezinhos?

PAPAGAIO — Então, a senhora ainda não sabe?

ONÇA — O que é que eu ainda não sei?

URSO — Da seca, da seca, dona onça. O professor Coruja disse que durante três meses não vai chover nadinha. E todos os rios vão secar.

ONÇA — É verdade? Ora, não faz mal.

PAPAGAIO — Não faz mal?! E onde nós vamos beber água?

ONÇA — Vocês, não sei. Quanto à mim, sou a única na floresta que tenho poço em casa. E ele é bem grande e bem fundo! Com licença, tenho muito o que fazer. (Começa a pregar as táboas na boca do poço)

URSO — Prá que essas táboas, dona onça?

ONÇA — Porque de hoje em diante, ninguém mais vai apanhar água no poço da onça Matilda & Bem, com licença, preciso trabalhar. (Cantarola alto. Os dois saem cabisbaixos).

ONÇA (Continua fazendo cena. Para sú-



bito. *Pensativa*) — Esperem!... Mas que estúpida que eu sou!... Se proibir de apanhar água no meu poço, jamais conseguirei executar o meu plano: pegar o Coelhoinho Pitomba! Lógico! Os rios já estão quase sem água e eu sou a única pessoa na floresta que tem um poço... (*pausa*) Mas esperem... Ah, é isso mesmo! Onça Matilda, você é formidável!... (*chama musical*) Meus amiguinhos, onde estão vocês?!... Ricardão! Otavinho!... Venham aqui um instante!... Tenho uma grande notícia para todos!...

URSO (*Entrando com o papagaio*) — A senhora chamou a gente?

ONÇA — Chamei sim.

PAPAGAIO — O que é que a senhora quer?

ONÇA — Sabem? Estive pensando bem: se vocês não tiverem onde beber água, naturalmente irão embora para outra floresta.

OS DOIS — Claro!

ONÇA — Pois é. Então, o que me adianta ter um poço tão grande, tão fundo, e só para mim?!

URSO — Mas a senhora disse que ninguém...

ONÇA — Eu disse, mas agora não digo mais. (*Tirando as táboas*) Estão vendo? Vou fazer uma boa fogueira com essas táboas. O poço da onça Matilda agora é de todo mundo!

URSO — Que bom! Otavinho, vamos apanhar nossos baldes. (*saem correndo*).

ONÇA (*Cantarola misteriosa, fazendo caras*) (*os dois voltam com os baldes. A onça ajuda os dois. Vão saindo*) — E, por favor, digam ao Pitomba que venha apanhar água também. Não precisa ter medo.

URSO — Está bem, dona onça. Nós diremos sim. E muito obrigados.

PAPAGAIO — Nós vamos agora na casa do Pitomba pra avisar a ele. Até logo, dona onça. (*Os dois entram na casa do coelho. O urso tem dificuldades porque é gordo. Balança, mas entra*).

ONÇA (*Só*) — E agora... uma surpresa para o nosso coelho! Esperem só! (*sai*) (*aparecem o urso, o papagaio e o coelho*).

URSO (*Vem puxando o coelho que está com medo*) — Pode vir, Pitomba. Não tem ninguém.

COELHO — Eu ainda não estou convencido. Conheço bem a dona onça.

URSO — Olha só como ela até retirou as táboas que estavam tampando o pocinho!

COELHO (*Observa*) — Ah, é verdade! Será que ela mudou mesmo?

URSO — Nem tenha dúvidas! Sabe por que? A dona onça ficou com medo de nós

todos irmos embora e ela ficar sozinha aqui na floresta!

PAPAGAIO — Ela agora está tão boazinha, que até nos ajudou a encher os nossos baldes.

COELHO — Então ela mudou mesmo!...

URSO — Estamos dizendo!

COELHO — Parece mentira... (*Onça aparece, vê os três e se esconde*).

URSO — Eu e Otavinho vamos contar pra todo mundo a boa nova. Assim, ninguém precisa ficar com medo da seca.

COELHO — Isso mesmo. Assim que eu encher o meu balde, vou encontrar com vocês. (*Os dois saem em direção à floresta e o coelho pra sua casa*).

ONÇA (*Aparece. Cantarola e dá pulinhos de alegria*) — Ah, enfim o grande momento! Mãos à obra! (*Tira do bolso duas enormes cenouras e um longo fio de Nylon envolto em folhas. Amarra as cenouras numa ponta, presas a um ganchinho de arame, segura na outra ponta e vai correndo se esconder em sua casa, ao ouvir um ruído qualquer vindo da casa do coelho. Antes colocou a ponta com as cenouras no meio da praça, perto do pocinho*).

COELHO (*Entra feliz trazendo o baldinho*) — Ainda bem que a dona onça resolveu ficar boazinha. Tenho certeza que assim ela vai conseguir arranjar muitos amiguinhos. O pessoal da floresta nem vai acreditar. (*Vai encher o balde e depura cos as cenouras*) Ora, vejam só que lindas cenouras! (*Vai abaixar, recua para o outro lado*) Será que não pertencem à alguém? (*Nesse momento, do seu esconderijo, a onça dá um puxão no fio sem que o coelho veja*) Mas quem deixaria duas cenouras tão lindas aqui no meio da praça?! Ninguém, é claro. (*Mesmo jogo*) Bem, se o dono aparecer de repente, eu devolvo as cenouras, não é mesmo? (*Onça dá mais um puxão*) Ah, elas estão com folha e tudo. Devem ter nascido aqui por engano! (*Mesmo jogo. Onça idem*) Esperem, será que tem alguém olhando?

COELHO (*Olha em volta*) — Não, ninguém! (*Vai decidido apanhar as cenouras*) (*nisso, a onça se atrapalha nos seus movimentos e continua puxando lentamente o fio, crente que o coelho não está vendo. Coelho observa espantado*) — Ué, a cenoura está andando sozinha?! Será que é cenoura mágica?!... (*Onça pára de puxar*) (*Reação da platéia: "é a dona onça! é a dona onça!"*) Coelho faz minica de quem percebeu que as cenouras mudaram de lugar e conclui que é mais um truque da onça. Gesto de silêncio pra criançada. Fazendo caras de suspense.



retira as cenouras do ganchinho e sai pé ante pé prá sua casa).

ONÇA (Alheia ao que se passou, dá mais um puxão. Outro. percebe o silêncio. Puxa com força e surge em cena ao mesmo tempo que deu o puxão para abocanhar o coelho que ela supõe estar tentando apanhar as cenouras. Constatada que as cenouras desapareceram. Sapateia furiosa) — Esse coelho me paga!!! (Sai bufando prá casa).

URSO (Com o papagaio, voltando do passeio) — Você viu, Otavinho? A dona Girafa ficou tão contente com a notícia que até resolveu fazer um vestido nôvo, só prá vir apanhar água no poço da dona onça.

PAPAGAIO — É, mas só à muito custo que a lebre Vandêca acreditou na história!

URSO — Ora, porque ela é prima do Pitomba! (Entra a onça bufando e trazendo uma enorme espingarda).

ONÇA (Aos dois) — Saíam da frente, não quero ver ninguém! Estou de mau humor! (Coloca-se em guarda na frente do poço).

URSO — Ué, que foi que houve, dona onça?

ONÇA (Furiosa) — Já disse que estou de mau humor!

PAPAGAIO — Estamos vendo...

URSO — E prá que essa espingarda?

ONÇA — Prá que? Ah, foi bom (Dá com a espingarda na cabeça do urso) você perguntar!

PAPAGAIO — Calma, dona onça.

ONÇA — Essa espingarda é o meu primeiro aviso!

URSO — Aviso de que? (O coelho aparece, sem ser visto, e se esconde para ouvir)

ONÇA — Aviso de que ninguém mais vai apanhar água no meu poço! Quem aparecer leva chumbo!... (Coelho sai).

PAPAGAIO — Mas a senhora tinha dito...

ONÇA — Tinha dito, mas agora não estou dizendo mais!

URSO — E qual vai ser o segundo aviso?

ONÇA (Urrando) — Um canhão!!!

PAPAGAIO — Por favor, Ricardão, não pergunta qual vai ser o terceiro.

URSO (Saindo com o papagaio) — É agora, o que vai ser de nós?

ONÇA (Só. Triunfante) — Agora o Pitomba vai ver! Vou me vingar de tudo! De tudo! (Ouve-se, fora de cena, um cantarolar estranho. A onça fica a postos) Que será isso? Que voz mais esquisita? (Ouve) Não consigo reconhecer essa voz... De quem será?

COELHO (Entra "vestido" de árvore. Roupão de morim ou lúscine marron escuro,

cortado inteiro da cabeça aos pés. Mangas compridas. Buracos para saírem as orelhas, os olhos e a boca. Fôlhas verdes (pencas de samambáia funcionam) costuradas na cabeça, nos braços e até a metade do tronco. Traz o balde meio encoberto de fôlhas. Solfeja com a voz estranhíssima. Vai direto ao poço. A roupa de árvore encobre totalmente o coelho, ficando apenas as orelhas de fora (coelho entra fingindo que não vê a onça. Canta com a música de "Eu fui no toróro", dansa espalhafatosamente forçando a onça a correr pelo palco).

Eu venho da floresta
Estou cansada de andar
Procuro um pocinho
Prá minha sêde matar
Onde é que tem?
Onde é que tem?
Um pouquinho d'água
Prá mim dar meu bem!

Ah, eu estou tão cansadinha, estou andando há três dias e três noites procurando um pocinho e nada de encontrar. (Repete o fim da música) Acho que vou me sentar um pouquinho prá descansar... (Com meneios de velha, senta-se junto ao público).

ONÇA — Ei, quem é você?

COELHO (Vem à ela) — Eu sou uma pobre árvore cheia de sêde.

ONÇA — Árvore?! Eu nunca vi árvore andar e falar.

COELHO — A senhora desculpe a falta de modéstia, mas é que eu sou uma árvore muito inteligente.

ONÇA — Ah, é? Meus parabéns! Com licença, estou muito ocupada.

COELHO — Acho melhor eu ir embora. Já perdi a esperança de encontrar um poço nesta floresta. (Finge que só agora vê o poço da onça) Oh, um poço! Oh, um poço! Que sorte! Um poço bem perto de mim e eu nem tinha visto! Será que não á uma miragem?

ONÇA — Não, é o meu poço!

COELHO — Com licença, minha gentil senhora, posso encher o meu balde? (Avança, pegando a cordinha com a lata).

ONÇA (Dá com a espingarda) — Alto lá! Ninguém, nem mesmo uma árvore, pode apanhar água no poço da onça Matilda!

COELHO — Não! A senhora se chama Matilda? Que lindo nome! (Estende a mão) Muito prazer, dona Matilda.

ONÇA (Aponta a espingarda) — Não quero intimidades!

COELHO — Desculpe a pergunta, mas por que é que a senhora está tão zangada?

ONÇA — Zangada? Eu estou mais do zangada!



COELHO — Talvez eu possa ajudar... Quer que eu segure a espingarda para a senhora?

ONÇA — Nada disso! Afaste-se!

COELHO — Mas a senhora está zangada com quem?

ONÇA — Com todo mundo! Principalmente com esse pestinha do Pitomba.

COELHO (*Disfarça*) — Pitomba- Que nome gozado! Não conheço ninguém com esse nome. Quem é Pitomba?

ONÇA — É um coelho que vive me fazendo de bôba, mas hoje eu vou acabar com a farra dele!

COELHO — Dona Matilda, eu tive uma idéia: eu fico aqui tomando conta do seu poço, enquanto isso, a senhora vai procurar esse tal de Pitomba e se vingá de tudo. Em troca, a senhora deixa eu apanhar água. Que tal?

ONÇA — Nada feito. Eu mesma quero ficar vigiando o meu poço.

COELHO — Mas a senhora vai ficar muito cansada.

ONÇA — Não faz mal. (*Intrigada*) Mas por que é que a senhora está tão interessada em me ajudar?

COELHO — É porque eu não posso voltar prá casa sem levar água para as outras árvores. E a senhora sabe o que vai acontecer se nós, as árvores, não tivermos água para beber?

ONÇA — Sei, sim. Vocês vão ficar com mais sede ainda.

COELHO — Não é só isso. Nós vamos ficar tão fraquinhas que nem vamos poder produzir frutas gostosas prá alimentar os bichos da floresta.

ONÇA — Não vai ter mais fruta nenhuma?

COELHO — Nenhuma!

ONÇA — Nem jabuticabas?

COELHO — Nem jabuticabas, nem melancias!

ONÇA — Que pena, eu sou louca por jaboticas.

COELHO — Pois é, até as jabuticabeiras vão secar se não tiverem água prá beber! (*Onça vai ficando preocupada*) E ainda tem mais: as nossas folhas vão cair todinhas, uma por uma. E aí, quando a senhora estiver debaixo do sol, suando de calor, bufando com a língua de fóra, nós não vamos poder fazer nem uma sombrinha prá proteger a senhora.

ONÇA (*Mais preocupada*) — Ih, é tão bom comer jabuticabas... debaixo de uma sombra bem grande, então, nem se fala. Puxa, eu nem tinha pensado nisso. Água faz

mesmo muita falta, não é? Então está bem, dona árvore, a senhora venceu! Pode vir apanhar água todos os dias. Mas só a senhora, está bem? E não conte a ninguém, ouviu?

COELHO — Pode confiar em mim, dona Matilda! (*Enche o balde*).

ONÇA E se a senhora quiser, pode trazer umas jabuticabas prá mim...

COELHO — Umas não, amanhã a senhora vai ganhar uma cesta cheia de jabuticas! as bem fresquinhas.

ONÇA — A senhora é muito bondosa!

COELHO (*Saindo*) — Até amanhã, dona onça, muito obrigadinha.

ONÇA (*Dando "Adeusinhos"*) — Não se esqueça das jabuticabas! (*Coelho saiu. Ouve-se fortes ruídos na cochia*) (*Grito prá dentro*) Cuidado prá senhora não cair!?

COELHO (*De dentro*) — Agora é tarde, querida, já me esborrahei tôda!

ONÇA (*Ri. À platéia*) — É sempre bom a gente ter uma árvore por perto nos dias de calor. E aquela foi muito gentil... (*Pausa. Sorri*) Agora estou me lembrando... (*Começa a rir*)... ela tinha umas orelhas tão engraçadas... (*Ri mais*) (*pára espantada*) Eu disse orelhas? (*Frisa*) Eu disse orelhas?!... (*Desesperada*) Não!!! Era o coelhinho Pitomba! (*Chora. Nesse momento, aparecem o urso e o papagaio que se escondem prá observar a cena*) (*a onça jala lenta e tristemente*) Matilda, minha pobrezinha, tenho a impressão de que você vai passar a vida inteira perseguindo o coelhinho Pitomba! (*Outro tom*) É mesmo? (*Tom*) Claro! E nunca, nunquinha, você vai conseguir fazer aquele tão sonhado guisado! Buáááá... Buáááá (*Sai chorando*) (*o urso e o papagaio tomam a cena*).

URSO — Você ouviu isso?

PAPAGAIO — Claro que ouvi, não sou surdo. (*Chôro do coelhinho na coxia. Os dois se escondem*).

COELHO (*Entrando*) — Coelhinho Pitomba, você é muito esperto! Mas no fundo, no fundo, é um bobão muito grande! (*Outro tom*) E você é um atrevido muito grande! (*Tom*) Atrevido, eu? Mas eu sou você! Viu como você é bobão? (*Tom*) Então eu sou mesmo bobão!... (*Tom*) Coelhinho Pitomba, você acha que é divertido não fazer outra coisa a não ser viver fugindo e fugindo da onça Matilda? (*Tom*) Eu não acho divertido, não, mas se eu não fugir da dona onça, eu viro guisado! (*Pensa*) Ah, tive uma idéia!... Vou me mudar prá uma floresta bem longe daqui, convido os meus dois amiguinhos, aí fico livre da dona onça por tôda a vida! Vou arrumar minha malinha!... (*Sai*).



URSO (*Volta com o papagaio*) — Você ouviu isso, também?

URSO — E agora?

PAPAGAIO — E agora? Você se lembra quando eu disse uma vez que nós dois podíamos fazer um negócio muito bom?

URSO — Deixa eu pensar. (*Pausa*) Ah, não lembro sim! Você disse que a dona onça e o coelhinho deviam ser amigos!

PAPAGAIO — Isso mesmo! Você notou os dois estão preocupados?

URSO — É claro que notei! (*Doutoral*) Olá, você é um gênio! Vamos acabar com a briga dos dois! (*À platéia*) Querem ver? Vocês querem que eles dois fiquem amiguinhos?! (*Espera resposta*) Atenção! (*Chamando*) Dona onça Matilda?!

ONÇA (*De dentro*) — Quem ousa interromper a minha tristeza?

URSO — Venha cá um instantinho... por favor...

ONÇA (*Entra, chorosa*) — Eu não quero viver a vida inteira perseguindo o Coelhinho Pitomba! (*Chora mais*).

URSO — Calma, dona onça, não precisa chorar tanto. Nós já resolvemos tudo!

ONÇA — Resolveram tudo, como?

URSO — Que tal a senhora e o coelhinho se tornarem bons amiguinhos?!

ONÇA — Eu, amiga do coelhinho? E o meu guisado?

URSO — Ora, dona onça, existe uma porção de guisados muito gostosos, sem ser de coelho! Escuta: todo mundo sabe que guisado de cenoura com carne seca é o melhor quicote que existe.

PAPAGAIO — É sim, dona onça, eu já provei. É tão gostoso!

ONÇA — É mesmo?

PAPAGAIO — Depois nós damos a receita para a senhora.

ONÇA — Então eu vou experimentar! (*Tristonha*) Mas como é que o Coelhinho vai acreditar que eu quero ser amiguinha dele?

URSO — Deixe por nossa conta. Fique escondida atrás do poço. (*Onça obedece*).

PAPAGAIO — Posso chamar o coelhinho?

URSO — Pode, pode.

PAPAGAIO (*À platéia*) — Então, todos vocês vão chamar o coelhinho Pitomba! Já! (*ando ritmo à criançada*) Coelhinho Pitomba! Coelhinho Pitomba! Etc. (*Forma-se enorme gritaria*).

COELHO (*Pula em cena*) — Que gritaria nessa minha porta?

PAPAGAIO — Nós queremos brincar com você.

COELHO — Nossa! Pensei que fosse um terremoto!... (*Outro tom*) Como é que vo-

ces podem pensar em brincar, quando eu, pobre de mim! — só tenho que viver fugindo e fugindo da onça Matilda. (*Chora*).

URSO — Ora, Pitomba, não chore mais. Se você quiser, não precisa mais fugir da dona onça, e vamos brincar todos juntos!

COELHO — Você é muito gozado, Ricardão. Como é que nós vamos brincar todos juntos, se a dona onça não descansa enquanto não comer um guisado do coelho Pitomba?!

PAPAGAIO — Seu bôbo, ela está louca pra ser sua amiguinha!

COELHO — Dona onça quer ser minha amiguinha?

URSO — É, sim. Quer que eu te dê uma prova?

COELHO — Que prova?

URSO — Eu vou chamar a dona onça, preste atenção.

COELHO — Vai chamar a dona onça? Então, deixe eu me esconder atrás de você? (*Esconde-se atrás do urso*).

URSO — Atenção! (*Chama*) Dona onça Matilda! Qual é o prato que a senhora gosta mais?

ONÇA (*De trás do poço*) — Guisado de cenoura com carne seca!

COELHO — Será que eu ouvi direito?

ONÇA (*Idem*) — Ouviu sim!

PAPAGAIO — Então, Pitomba, podemos trazer a dona onça?

COELHO — Não sei, não. (*Pergunta à platéia*) Que é que vocês acham? Eu e a dona onça devemos ser amiguinhos? Vocês acham que sim? Então, está bem podem trazer a dona onça.

PAPAGAIO — Dona onça, pode vir! (*A onça vem fazendo "charme". Pisca-pisca para o coelho. Ele responde igual*).

COELHO — Hum, ela está tão esquisita!

ONÇA — Seu Coelhinho Pitomba! Uh!... Uh!... (*Faz um trejeito de bailarina*).

COELHO — Eu acho que ela vai dançar ballet!

PAPAGAIO (*Corrigindo*) — Não, coelhinho, ela está de botas!

COELHO — É mesmo. Faz a pose de novo, dona onça.

ONÇA — Seu coelhinho Pitomba! Uh!... Uh!... (*Exagera os trejeitos*).

COELHO — Ah, é yê-yê-yê! (*Faz passos de dança, galanteador*) Dona onça Matilda, uh!... uh!... (*Ela aproxima, os dois dão as mãos e falam ao mesmo tempo*).

ONÇA E COELHO — Vamos ser amiguinhos?

URSO (*Tomando cena*) — E assim termina!



PAPAGAIO (*Idem*) — A história engraçada!

ONÇA (*Aponta o coelho*) — Do coelhinho Pitomba!

COELHO (*Aponta a onça*) — E da oncinha pintada! (*Os personagens dão as mãos e se inclinam em agradecimento*). Um momento! Dona oncinha, que tal se nós todos cantássemos a musiquinha do Coelhinho Pitomba? (*Todos pulam e balem palmas*).

ONÇA — Que bom! Que bom! (*Reflete*) Mas acontece que eu não sei a letra nem a música!

COELHO — Não tem importância. Nós cantamos uma vez sôzinhos, depois a senhora acompanha a gente, está bem?

ONÇA — Ótimo! Podem começar. Vou prestar atenção.

COELHO (*Canta com o urso e o papagaio a música do coelhinho*) — E então, dona onça,

já aprendeu?

ONÇA — Já, Escute só. (*Canta sôzinha os dois primeiros versos em seguida, todos cantam, com ritmo de palmas*) (*No momento em que a letra é: "Como é o meu nome? Coelhinho Pitomba! Como é que eu me chamo? Coelhinho Pitomba!" A onça se destaca do grupo e sapateia enfurecida no procênio*)

OS OUTROS (*Ficam assustados e se afastam*)

ONÇA (*Autoritária*) — Que negócio é esse?!

COELHO (*Sem compreender*) — Que foi que houve, dona onça?

ONÇA (*Explicativa*) — Como é que eu me chamo?

TODOS — Ah, é! (*Fazem reverência em volta da dona onça*) Dona onça Matilda! (*Saem de cena de mão dadas cantando a música do prólogo*).

FIM DA PEÇA

Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja por que processo fôr, mediante autorização expressa da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.

